

REPERCUSSÃO DOS ESTUDOS DO VESTUÁRIO NA ACADEMIA: INTERFACES ENTRE HISTÓRIA E MODA

Silva, Ana Cristiane da; Ms. em História; Universidade Estadual de Feira de Santana - BA; anacrismoda@gmail.com

Resumo

O presente texto pretende explicitar questões relativas ao estudo da Moda, significados e historicidade, pontuando a relevância das fontes geradas pelo o sistema da moda como objeto de estudo no campo da História Social e Cultural, bem como, a contribuição dos estudos de Gênero para reflexão do vestuário.

Palavras-chaves: Moda, História, Gênero.

Abstract

This paper aims to clarify issues relating to the study of Fashion, meanings and history, highlighting the relevance of the sources generated by the system of fashion as object of study in the field of Social and Cultural History, as well as the contribution of gender studies for reflection clothing.

Keywords: Fashion, History, Genre.

Introdução

“A moda que em muitos anos foi relegada à antecâmara das preocupações intelectuais, está por toda parte: nos lares, na rua, na indústria, na mídia” (LIPOVETSKY, 1986, p. 9). O estudo da Moda como fenômeno cultural constitui uma vertente de pesquisa que vem despertando o interesse crescente tanto entre profissionais do setor do vestuário, como entre as ciências sociais e humanas. Nos últimos anos, a moda tem ganhado destaque na academia e vagarosamente ocupando espaços nas preocupações intelectuais. Gilles Lipovetsky (1989) já observava o crescente interesse da academia pelo tema. Segundo ele, a moda era sempre reduzida a mero fator de distinção social de classes e nada mais, porém, a moda vem crescendo em importância e ocupando cada vez mais espaços nas configurações das sociedades modernas:

A moda não é mais um enfeite estético, um acessório decorativo da vida coletiva; É a sua pedra angular. A moda terminou estruturalmente seu curso histórico, chegou ao topo de seu poder, conseguiu remodelar a sociedade inteira a sua imagem: era periférica agora é hegemônica (LIPOVETSKY, 1989, p. 12).

Para além dos motivos essenciais que sempre explicaram as funções da vestimenta, como: pudor, proteção e adorno, entre outros, o estudo dos fenômenos da moda é um componente fundamental na análise das transformações socioculturais da nossa sociedade. Para Roland Barthes (1995, p. 344). “Vestir-se é fundamentalmente um ato de significação, e, portanto, um ato profundamente social instalado no coração mesmo da dialética das sociedades”. Assim sendo, conforme o sociólogo Barnard (2003, p. 24), a moda e a indumentária podem ser formas mais significativas pelas quais, são construídas, experimentadas e compreendidas as relações sociais humanas.

Nesse sentido é importante ressaltar o papel simbólico que a moda exerce. Para usar a expressão de Marx (1975, p. 79) as roupas são “hieróglifos sociais” que escondem, mesmo quando comunicam a posição social daqueles que a vestem. Comentando esse aspecto a socióloga americana Diane Crane afirma que:

O vestuário é sempre significativo e em suas interpretações aproximamo-nos da organicidade da sociedade que o produziu. Afinal, em seus cortes, cores, texturas, comprimentos, exotismo, as roupas dão conta de imprimir sobre os corpos que as transportam categorias sociais, ideais estéticos, manifestações psicológicas, relações de gêneros e de poder. (CRANE, 2006, p. 22).

Paralelo à dimensão distintiva de classe, gênero e etnia, a moda assume um caráter simbólico de tecido das relações sociais. O vestuário pode ser portador de significações em cada pequeno pormenor de sua composição, constituindo um sistema de códigos que os indivíduos usam como repertório distintivo, à semelhança dos demais códigos culturais, morais ou institucionais.

De fato, o ato vestir é um fenômeno que diz respeito a todo ser humano e a todas as suas relações com o mundo que o cerca. Umberto Eco afirma “a roupa é uma comunicação”. E acrescenta ainda,

a linguagem do vestuário, tal como a linguagem verbal, não serve apenas para transmitir certos significados, mediante certas formas significativas. Serve também para indicar posições ideológicas segundo os significados transmitidos e as formas significativas que foram escolhidas pra transmitir. “A roupa é uma linguagem articulada”. (ECO, 1989, p. 17).

Dialogando com esse pensamento, a socióloga Cidreira, em seus estudos os “Sentidos da Moda” (2005, p. 29), aponta a necessidade de se “observar” a moda considerando outros aspectos de sua articulação além da dimensão formal, aquela que dá conta das determinações sociais, privilegiando duas descrições. Pois nessa perspectiva a vestimenta seria considerada enquanto forma-signo, como um significante, e enquanto tal seria um transmissor indiferente de um significado definido previamente (conceito de classe social, entre outros).

Partindo do pressuposto de que existe algo para além de um significado definido previamente e que, mesmo a peça vestimentar não pode ser concebida como um mero transmissor de significado nos aproximamos da dimensão formante presente na dinâmica da moda, e nos damos conta de que é preciso apreciar não apenas o sentido vestimentar isoladamente, mas também a relação que ela estabelece entre indivíduo, a sociedade e seu tempo histórico. Fazendo-se necessário, uma reflexão que auxilie na compreensão da vestimenta e do jogo da constituição das aparências, considerando as formas estética, simbólica e sua articulação plástica com o corpo, contextualizada num determinado meio social.

Dessa forma deve-se buscar um entrelaçamento com outras áreas do conhecimento, visto que o objeto moda enquanto estudo já nasceu interdisciplinar por natureza, como atesta Castilho e Garcia:

A moda, um fenômeno ímpar em complexidade, referências sociais, psicológicas e comportamentais, cujo estudo permite tão variadas leituras, que possibilitam entender o crescimento e o comportamento da humanidade, a partir da simples análise de sua evolução. (CASTILHO E GARCIA, 2001, p. 10).

Justamente por encerrar em si tantos significados, reflexões e simbologias, a moda perpassa a discussão em campos tão diversos como estética, economia,

história, geografia, sociologia, psicologia, semiótica, artes aplicadas, filosofia, representações e antropologia, entre tantos outros.

Nesse sentido, as Ciências Humanas, em especial o campo da História, com seus novos paradigmas e abordagens do social e cultural, incluindo a perspectiva dos gêneros, a partir do século XX, permite reconhecer o vestuário como fonte/objeto que nos dá acesso às subjetividades dos indivíduos. Sobre tal consideração, a historiadora Sandra Jatahy Pesavento (2005, p. 58) afirma: “sensibilidades se exprimem em atos, em ritos, em imagens, em objetos da vida material, em materialidades do espaço construído”.

Para Daniel Roche (2007: 21) “uma nova problemática que aborde a história da roupa é uma maneira de ir direto ao coração da História Social. É uma maneira útil de tentar observar como modelos ideológicos, que coexistem e disputam à regulamentação com das condutas e dos hábitos, interagem na realidade que pretendemos oferecer”. O historiador Roger Chartier propõe uma visão semelhante a Daniel Roche ao afirmar que:

Pensar as formas e as práticas cotidianas, à luz da nova história social, constitui possibilidade de investigar um ‘novo objeto’. O objeto da história, portanto, não são, ou não são mais as estruturas e os mecanismos que regulam, fora de qualquer controle subjetivo, as relações sociais, e sim as racionalidades e as estratégias acionadas pelas comunidades, parentelas, as famílias, os indivíduos. (CHARTIER, 1994, p. 97-113)

É importante ressaltar a contribuição dos Estudos feministas e de Gênero par o estudo da Moda. Tais abordagens colocaram em evidência questões até então consideradas não relevantes para o conhecimento histórico: cotidiano, família, sensibilidade, sexualidade, entre outros. Estes aspectos da vida humana, por tratarem dos espaços públicos e privados, propiciaram condições para reflexão dos estudos do vestuário como forma de representação social, presente em todos os aspectos da experiência dos sujeitos.

Desenvolvimento

Repercussão dos estudos da Moda na academia: interfaces entre História e Moda

Mesmo sendo de natureza diversa e difusa, o fenômeno da moda demorou a ser encarado como sério objeto de pesquisas acadêmicas, devido ao pensamento de que a superficialidade da moda, por si só, já era o seu conteúdo e matriz. Vista como um produto da sociedade de consumo, a moda foi, sistematicamente, empurrada para terreno dos assuntos fúteis e alienantes, como muitas vezes a classificou a Escola de Frankfurt. No Brasil, onde o pensamento frankfurtiano foi amplamente difundido na academia, a moda demorou a chegar às instituições de ensino superior. Somente no ano de 1988 em São Paulo surgiu a primeira graduação em moda no país. (PIRES apud CASTILHO E ANDRADE, 2001, p. 79).

A partir de então surgem tentativas mais incisivas de apreensão da moda como campo de saber complexo, como foi o caso das primeiras publicações em moda da Universidade Anhembi Morumbi – SP com a revista científica *Nexus*, nº 9 especial sobre “Comunicação, Moda e Educação” e a Publicação do Livro “Moda Brasil: Fragmentos de um vestir tropicais” ambas em 2001. Também vale destacar a formação do Núcleo Interdisciplinar de Estudos em Moda da Unip – Universidade Paulista em 2002 com publicação de uma série de reflexões e abordagens teóricas sobre o campo da moda, patrocinado pela FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo no livro “Moda, Comunicação e Cultura: um olhar acadêmico”. Nesta mesma publicação, no artigo intitulado “Moda e Campo do Saber”, de Solange Wajnman, a autora observa:

Mais do que hegemônica, acreditamos que a moda contemporânea chega mesmo a ser constitutiva do próprio tecido social. A julgar pelas características atuais, ou seja, pela maneira que ela define a sociabilidade, pelos novos padrões éticos e estéticos, pela nova definição do mercado empresarial, a moda hoje é um fenômeno social. Tal perplexidade diante deste objeto demanda não somente a revisão, mas uma atualização do caráter teórico/metodológico da moda enquanto campo do saber. O grande impacto da moda na vida social, seu entrelaçamento com a sociedade exigem, sem dúvidas, a institucionalização científica deste objeto. Ela deve migrar do campo da

frivolidade para receber o estatuto científico. (WAJNMAN, 2002, p. 133-134).

Na atualidade verifica-se o crescente número de publicações científicas no Brasil e no mundo, que utilizam a moda como objeto para desvendar os mais diversos questionamentos de áreas tão diferentes que vão da psicologia a economia.

Vencido o primeiro obstáculo do pré-conceito sobre o estudo sistemático da moda, o historiador italiano Paolo Sorcinelli observa:

Além dos puros critérios estilísticos, a moda baseia-se em precisos parâmetros de gosto e consumos, em sofisticados procedimentos e estratégias empresariais, comerciais e de imagem, em profundo conhecimento das transformações e das tendências culturais e sociais em curso. A moda, quando tratada desta forma, revela-se menos fortuita, do que poderia parecer. Coloca-se, com efeito, uma série de problemas: o problema das matérias primas, o problema dos procedimentos e das estruturas de transformação, a questão dos custos e benefícios, que se inserem em uma perspectiva econômica, social e antropológica, na qual o passado e suas culturas não são repetidamente expulsos e apagados de maneira definitiva. De fato, o suceder dessas dimensões interpretativas, como acontece em todo o setor da atividade humana, estratifica traços e inquietações em um substrato histórico-narrativo a partir do qual, é possível decodificar *mutatis mutantis* novas fronteiras da expressividade criativa e comportamental. (SORCINELLI, 2003, p. 11).

Deste modo, o objeto moda vai delineando seu percurso enquanto fenômeno a ser analisado pelas diversas ciências e campos do saber, incluindo a área da história, particularmente sendo referencial de fonte para a historiografia moderna.

Fontes geradas pelo sistema da moda como objeto de estudo na História

Despertado o recente interesse pela História Social, a moda tem surgido, cada vez mais, como suporte para pesquisa histórica por encerrar uma série de prerrogativas que são úteis para entender uma época, as sociabilidades, as inter-relações sociais e o contexto do período. Analisando este fenômeno, a historiadora italiana Maria Guiseppina Muzzarelli, afirma:

A relevância da contribuição para história da sociedade e da vida cotidiana que pode advir do estudo das roupas é evidente. Igualmente evidente é a contribuição que a reconstituição dessa

história pode proporcionar aos interessados por economia e, em particular, pela produção artesanal e pelo consumo [...]. A iconografia é útil, nesse como em outros casos, para identificar os modelos seguir sua evolução e perceber a quais grupos, as quais fases da vida e as quais ocasiões correspondia um determinado modo de vestir. A combinação de fontes diferentes aumenta enormemente os conhecimentos sobre a história da indumentária e da moda. Se, por um lado, as fontes materiais são preciosas, porém muito raras, por outro, as fontes iconográficas e documentais são abundantes, assim como as fontes literárias que, apesar de numerosas, ainda são pouco exploradas. (MUZZARELLI, 2003, p. 28).

Desta maneira, a moda vai se inserindo como um “novo” e farto campo a ser explorado para reconstituição histórica determinada época, período e modo de vida da humanidade em determinado local e tempo. Se pensarmos em alguns produtos onde a moda se materializa, o jornal de moda constitui-se uma fonte essencial para quem quer pesquisar história através da moda, como considera o historiador italiano Alberto Malfitano:

Em uma atividade historiográfica em ansiosa busca por novos campos de estudos ainda não explorados, mas que nem sempre se revelam apropriados para desvendar aspectos significativos do passado, a história do jornalismo de moda pode ser útil para lançar luz sobre setores pouco conhecidos, ou permitir novas perspectivas de estudo. Até agora, esse campo de pesquisa foi de fato considerado pouco merecedor da atenção da maioria dos historiadores, que o subestimaram e o deixaram à margem dos seus interesses. Na realidade, há considerações categóricas a favor deste gênero de pesquisa, baseadas no fato de que os jornais de moda oferecem um espelho no qual se pode ler a evolução social e de que, surgidos há mais de duzentos anos, seu público tem aumentado constantemente ao longo das décadas. (MALFITANO in SORCINELLI, 2003, p. 57).

Contudo é preciso, como na utilização de outras fontes, manter apuro científico e rigor técnico necessário para que esta fonte seja uma luz a mais, e não uma armadilha, na pesquisa histórica, como adverte o próprio Malfitano:

Ao abordar o estudo da imprensa, deve-se ter presente, com tudo, que seria ingênuo, considerar a possibilidade de reconstruir a realidade de um país por meio da leitura de seus jornais. A imprensa é um espelho, mais ou menos fiel, da realidade, mas não é a realidade; é a sua narração fornecida no passado como hoje, pelo olhar e pela pena de um intérprete, o jornalista. Torna-se, então,

importante recolher o maior número de informações possível sobre o sujeito que filtra a realidade, porque isso pode ajudar-nos a entender quanto há de verdade e, especialmente, quais as omissões existentes na versão que ele nos apresenta. O passo seguinte é obrigatório: cruzar o maior número de fontes possíveis. Para o estudante que quer ter segurança a respeito de um determinado período, por exemplo, da história contemporânea, será bom comparar a análise de um jornal da situação com a de um jornal da oposição, e cruzar os dados recolhidos dessas visões a fim de verificar não só a sua veracidade, mas também os seus silêncios. (MALFITANO in SORCINELLI, 2003, p. 61).

Portanto, ao utilizar-se da moda enquanto objeto de pesquisa, o historiador deve não só recorrer às fontes materiais e impressos de uma época, mas a todas às fontes possíveis, através de investigação comparativa, fornecendo os extratos necessários à compreensão da história. Assim a moda apresenta-se como um valioso recurso para pesquisa histórica, constituindo-se, como já observou Ronaldo Fraga, no prefácio do livro “Moda Contemporânea” de Cristiane Mesquita (2004), o documento mais eficiente do nosso tempo.

Contribuições da História Social, Cultural e das Mulheres para a reflexão sobre o vestuário.

As transformações ocorridas na historiografia dominante, a partir da década de 1960, até então, fundamentadas em teorias que se baseavam em paradigmas provenientes do pensamento iluminista, tais como a crença na razão, na existência de um sujeito estável e coerente, na neutralidade da ciência, na objetividade da linguagem, em leis gerais que regem os fenômenos, inclusive os históricos, deram lugar ao surgimento de novos paradigmas comumente denominados de pós-estruturalistas ou pós-modernos.

Os estudos pós-estruturalistas foram fundamentais na emergência da História das Mulheres, principalmente, porque, entre muitas proposições: realçaram a subjetividade dos sujeitos e da linguagem; descartaram a ideia da neutralidade científica; deram importância aos estudos qualitativos e aos fenômenos particulares; negaram as leis gerais de explicação dos fenômenos;

apontaram para a instabilidade dos conceitos e categorias, enfim, contribuíram para pensar a produção do conhecimento na área das ciências humanas.

Faz-se necessário lembrar as contribuições da História Social e da História das Mentalidades, incorporadas na História Cultural - articuladas ao crescimento da antropologia-que tiveram papel decisivo nesse processo, onde as mulheres são alçadas à condição de objeto e sujeito da História. Fator relevante, ao considerarmos que até então estavam relegadas ao esquecimento ou ao domínio masculino, conforme tratamento dado pela historiografia tradicional.

O surgimento do feminismo é citado pelo teórico da cultura, Stuart Hall (2004), como um dos grandes cinco avanços na teoria social e nas ciências humanas ocorridos no período denominado de modernidade tardia (segunda metade do século XX). Segundo Hall, em seu estudo, "A identidade cultural na pós-modernidade", o feminismo teve impacto tanto como crítica teórica, quanto no movimento social, questionando noções que até então eram consideradas universais e intocáveis, como por exemplo, a distinção entre público e privado, trazendo à tona assuntos nunca antes publicamente discutidos, como a família, a sexualidade, o trabalho doméstico, entre outros.

A "onda" dos movimentos feministas, ocorrida a partir dos anos de 1960, contribuiu ainda mais para o surgimento da história das mulheres. Através de debates que abordavam a marginalização da mulher, foram suscitados o interesse e o envolvimento de algumas poucas historiadoras neste campo. Mais tarde, a teórica francesa Simone de Beauvoir (1980) ao afirmar, "não se nasce mulher, torna-se mulher", sintetiza toda a teoria da construção de gênero, contestando o pensamento determinista do final do século XIX que usava a biologia para explicar a inferiorização do sexo feminino. Sempre na história da humanidade, coube à mulher desempenhar uma infinidade de tarefas, como ser mãe, cuidar dos afazeres domésticos, provê o bem-estar do marido, e mais, em nossos dias, sustentar a casa. Tudo isso partindo do princípio de que a mulher é naturalmente capacitada para tais tarefas, devendo servir aos propósitos masculinos, com respeito e obediência. Afirmava-se categoricamente que mulheres eram natural e biologicamente inferiores,

fisicamente mais fracas e menos capacitadas intelectualmente, servindo de contraponto ao masculino superior, mais forte e mais capacitado.

O desenvolvimento de novos campos como a história das mentalidades e a história cultural reforçou o avanço na abordagem do feminino, fazendo emergir a História das Mulheres com a pretensão de abarcar as diversas dimensões de suas experiências históricas. Surge daí a importância de focalizar as relações entre os sexos e a categoria de gênero. A maneira como esta nova história inclui a experiência das mulheres depende muito do uso da categoria de gênero como recurso de análise. De acordo com a historiadora Rachel Soihet, foi “a partir da década de 1970, que a palavra "gênero" tornou-se o termo usado para teorizar a questão da diferença sexual. Foi inicialmente utilizado pelas feministas americanas que queriam insistir no caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo” (SOIHET, 1997, p. 279). O que indica uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso dos termos “sexo” ou “diferença sexual”. O gênero se torna, inclusive, uma maneira de indicar as construções sociais, criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres.

A ênfase no caráter fundamentalmente social e cultural das distinções baseadas no sexo afasta o fantasma da naturalização e revisa a idéia de assimetria e de hierarquia nas relações entre homens e mulheres, incorporando a dimensão das relações de poder. Neste sentido, o aspecto relacional das vidas de mulheres e homens, é compreendido sem separação. Desde então, o estudo de gênero representou mudanças, que ultrapassaram a fase de denúncia, opressão e descrição das experiências ou vivências femininas, proporcionando à academia reformulações teóricas.

Uma das contribuições importante para os estudos do gênero enquanto categoria em análise advém da historiadora Joan Scott, (1990) alinhada entre as pioneiras que acentuam a necessidade de se ultrapassar os usos descritivos do termo, buscando a utilização de formulações teóricas. Assim, a historiadora, inspirada pelas reflexões de dois importantes filósofos pós-estruturalistas, Michel Foucault e Jacques Derrida, mais do que uma mudança de perspectiva teórica no uso da categoria gênero, propõe uma mudança radical na forma de

se fazer história. A partir de suas idéias, podemos apontar alguns aspectos que caracterizam os estudos de gênero: a análise em diversas sociedades e momentos, de um dado grupo ou indivíduo, discutindo como uma dada visão de gênero construiu-se e impôs-se num determinado grupo num contexto particular. Em certo momento, aponta para a sua historicidade desconstruindo-a. A observação do particular, renunciando à busca de leis causais e gerais para a explicação das diferenças sexuais, concebe o par homem-mulher ou feminino-masculino não como categorias fixas, mas constantemente mutáveis, rejeitando o determinismo biológico e a idéia de que a distinção sexual é natural, universal ou invariante, a despeito das diferenças anatômicas entre machos e fêmeos - na espécie humana- sempre elaboradas discursivamente de forma inter-relacional e pressupondo relações hierárquicas de dominação. (SCOTT, 1990)

Além destes aspectos, os estudos de Scott sublinham uma necessidade de analisar e buscar a compreensão das construções de gênero, que implicam na configuração de instituições, de relações de dominação, símbolos e representações, normas, papéis sociais, identidades subjetivas coletivas e práticas. Assim sendo, tal proposta tem efetivamente transformado os estudos de gênero no campo da História. Suas formulações, porém, não devem se limitar apenas às análises históricas, já que possuem um caráter mais geral, ao propor, em última instância, uma quebra de paradigma. Segundo a historiadora Scott, (1990, p. 5-16), “o gênero é uma forma primária de relações significantes de poder”, portanto, está presente em todas as dimensões da vida social, constituindo-as, ainda que parcialmente e podendo ser adotada em diversos campos do conhecimento, inclusive no campo da moda e vestuário.

Algumas historiadoras das mulheres já assinalaram o papel da moda, enquanto fonte econômica e mercadológica, geradora de oportunidade de inserção da mulher no campo de trabalho- nas fábricas - no final do século XIX, dada a sua habilidade em exercer atividades como a da costura e do bordado, aprendidas desde cedo e consideradas propícias às mulheres. Além de tais considerações, estudos recentes nos mostram a possibilidade de analisar as representações materiais da moda, enquanto fontes reveladoras das representações de dominação física e simbólica, em determinada época.

Nessa perspectiva, é importante salientar as contribuições de historiadoras que propiciaram a reflexão sobre o vestuário como: Michelle Perrot, Maria Odila Leite da Silva Dias, Mary Del Priore, Rachel Soichet, Maria Júlia Alves de Souza, entre outras. Estas não se limitaram a abordar apenas os contextos de domínio público, mas ressaltaram a necessidade de se buscar as mulheres nos domínios nos quais ocorriam maiores evidências de suas participações, explicando as esferas do privado e do cotidiano. Maria Odila Dias (1992, p.50) afirma que “estudar o cotidiano na perspectiva histórica, consiste em concentrar-se nos papéis informais e nas mediações sociais”. Para tanto, os estudos feministas dão acesso para um campo multidisciplinar, fazendo surgir uma perspectiva plural de métodos imprescindíveis para a reconstituição crítica da experiência das mulheres, de modo a documentar toda a sua diversidade e explorar as diferenças, pois, na medida em que acumulam novos conhecimentos e se expandem às fronteiras do espírito crítico, somos colocados diante de novo desafio: a busca de uma nova racionalidade.

A ênfase dada aos estudos sobre o cotidiano traz à tona as táticas de sobrevivência e de resistências desenvolvidas pelas mulheres. Rastreado os “espaços femininos”, as cenas de seu cotidiano, seus pertences, neste caso, as suas roupas, torna-se possível reconstruir parte desta história. A vestimenta por muito tempo constituiu uma profunda forma de expressão da individualidade feminina “para quem sempre foi impedida de falar, escrever e criar, modos alternativos e sutis de expressão tornaram arma de sobrevivência” afirma a historiadora Maria Júlia Alves Souza (2003, p. 29).

O estudo de gênero, assim, apresenta-se para desconstruir a representação tradicional do feminino, contraponto do masculino, entendendo que homens e mulheres são socialmente produzidos pelo discurso patriarcal dominante e também por doutrinas, por imagens e por símbolos presentes nas diferentes culturas (apud CONFORTIN, 2003, p. 109). Pois, em se tratando das roupas, não há como negar que os códigos do vestuário aparecem como determinantes na vida dos grupos sociais, principalmente para as mulheres, às quais, só lhes restam à memória do privado, ou seja, seu lugar na família e seus devidos papéis pela sociedade designados (PERROT, 1971, p. 27).

As situações de domínio a que estas mulheres foram submetidas, abre um amplo espaço ao estudo dos dispositivos da violência simbólica, a qual escreve Pierre Bourdieu “só tem êxito na medida em que aquele que a sofre contribui para sua eficácia: só o constrange na medida em que ele está disposto por uma aprendizagem prévia reconhecê-la” (apud CHARTIER, 1994, p. 9). De maneira durável, a construção da identidade feminina tem-se enraizado na interiorização pelas mulheres de normas enunciadas pelos discursos masculinos. Um objeto importante da história das mulheres é o estudo dos dispositivos, desdobrados em múltiplos registros, que garantem (ou devem garantir) que as mulheres consintam nas representações dominantes da diferença entre os dois sexos, por exemplo, a inculcar papéis sexuais, divisão de tarefas e de espaços, a exclusão da esfera pública, etc... Cabe aqui lembrar, que os códigos e restrições quanto ao uso de determinados vestuários também fazem parte destas imposições masculinas.

As roupas e acessórios são vestígios acerca do passado e do presente das mulheres, produzidos por elas próprias, embora muitas vezes, tenham sido feitas sob imposições que refletiam a concepção dominante,

Reconhecer esses mecanismos, os limites e até mesmo incorporar essas formas de dominação, pela apropriação de modelos e normas masculinas, é uma boa estratégia, que se transforma em instrumento de resistência e em afirmação de identidade feminina. (CHARTIER, 1994, p. 9-10).

Dialogando com pensamento de Chartier, a historiadora Teresa de Lauretis argumenta que sendo a moda um sistema de representação significativo que relaciona “sexo” a conteúdos culturais de acordo com valores e hierarquias sociais é possível ratificar que a mesma constitui uma construção de gênero: “a construção de gênero é tanto o produto quanto o processo de sua representação” (LAURETIS, 1994, p. 211).

Propondo elaborar a experiência feminina voltada para a construção da subjetividade como processo social e histórico, Lauretis diz que “a construção de gênero ocorre através dos discursos institucionais com o poder de controlar o campo de significação social” (LAURETIS, 1984, p. 159)

Sobre tal consideração, a historiadora Maria Claudia Bonádio (1996) em seus estudos sobre “A imagem feminina (1910-1930)”, cita como exemplo dois importantes casos dos costureiros Worth e Chanel, demonstrando que ao passo que, a moda representa os discursos vigentes de uma sociedade, ela pode também revelar algumas desconstruções. Vejamos:

Worth ganhou destaque no auge da Era Vitoriana. Seus modelos reproduziam exatamente a moral vigente na época, com vestidos que escondiam o corpo através das golas altas, das mangas, das saias compridas e armadas ao mesmo tempo em que marcavam os papéis sociais e restritivos da mulher, ressaltando ancas e seios. A mulher mãe-esposa era o resultado final dessa representação. E não somente: a mulher era também inacessível, privada da vida social e, especialmente, do contato físico através da vestimenta. Criando o ciclo da Alta Costura, Worth inovou onde a renovação parecia impossível, em alguns casos, mudando cores, tecidos e rendas a cada estação. Suas criações, no entanto, reafirmavam os valores propagados e seus vestidos eram criados em cima dessas significações, nos modelos em forma de X, opondo visivelmente a mulher ao homem, que por estes tempos já usava um traje sóbrio, prático e funcional, ou seja, as duas peças” que lembrava um H.

Em oposição a tal contexto, a estilista Coco Chanel, em ocasião da Primeira Guerra Mundial, aproxima o traje feminino do masculino, substituindo o X por duas retas paralelas, lembrando o H, ainda em voga, da silhueta masculina. Tal mudança pode ser justificada pela necessidade imposta de simplificação dos trajes, a partir de 1914, como consequência da necessidade da economia de tecidos e da maior praticidade nas roupas, pois, com os homens no front de batalha, a mulher precisava assumir as tarefas masculinas. Coco Chanel apropriou-se das fardas masculinas e deu-lhes um corte mais delicado: substituiu as calças pelas saias e criou o *tailleur* para o dia e o vestido de corte reto e tecidos leves para noite, evidenciando a silhueta e ressaltando a associação beleza e corpo. Chanel introduziu ainda o uso dos cabelos curtos, o que, acrescido aos trajes de corte reto e da silhueta longilínea, tornaram-na a grande expressão da moda à *La Garçonne*, que desconstruía a mãe-esposa, substituindo-a pela *garçonne*, uma mulher sociável, moderna e ativa e não necessariamente mãe-esposa. Surgiu então, uma “nova mulher” no momento em que esses papéis não podiam mais ser levados à risca, até por falta de atores masculinos e, principalmente, por conta dos novos ideais que estavam surgindo no cenário social. (BONÁDIO apud MELLO E SOUZA, 1987, p. 59).

De certa forma é possível afirmar que a identidade de gênero da mulher foi constituída, assinalada e reproduzida por meio da moda, na medida em que as mulheres vestiram o que a sociedade julgava apropriada. Por outro lado, ainda que estas roupas tenham sido constituídas e reproduzidas pelos ditames da sociedade, durante um longo período, a roupa foi para muitas mulheres a única forma de representação das suas individualidades.

No entanto, ao refletir sobre as questões das relações de gênero, partindo em defesa da reformulação do papel feminino, e sobre as novas concepções de mulher, Michelle Perrot apontou algumas especificidades:

Estas mulheres não são nem passivas nem submissas. A opressão, a dominação, por mais reais que sejam não bastam para contar a sua história. Afirmam-se por outras palavras, por outros gestos. Nas suas casas, na cidade, até mesmo na fábrica, elas têm outras práticas cotidianas, formas concretas de resistência – à hierarquia, à disciplina – que frustram a racionalidade do poder e estão diretamente enxertadas em seu uso próprio do espaço e do tempo” (PERROT, 1989).

Ao lado das transformações socioculturais, políticas e econômicas a Moda sempre foi parte dos interesses femininos. É evidente que a abordagem do ser mulher em vários contextos, passa por toda uma preocupação em ajustar a indumentária feminina, acarretando mudanças substanciais na vida cotidiana. Tal processo definia para as mulheres novos comportamentos, que envolviam, particularmente, maior atenção com o vestuário. A evolução da posição e representatividade da mulher, desde o início do século XX, pode ser facilmente identificada através da observação minuciosa sobre o ato de vestir, como também, sobre inúmeras fontes geradas pelo sistema da moda.

Considerações finais

Nesse sentido, o historiador Daniel Roche aponta o caráter plural do estudo sobre as representações da moda e a multiplicidade de saberes nelas incluídas, ao afirmar que:

Qualquer objeto, até o mais corriqueiro, encerra de uma grande engenhosidade, escolhas, uma cultura. Cada objeto traz consigo um

saber específico e certo excedente de sentido, o que se pode constatar no modo pelo qual se toma posse dele, no qual intervém moral, princípios distintivos, escolhas pessoais; pelo modo que se faz uso dele, no qual se revelam um ensinamento e uma moral do compromisso, estabelecidos de normas precisas de boas maneiras; pelo modo enfim de conservá-lo. (ROCHE, 1999, p. 151).

Assim, os usos e os costumes do vestir podem ser concebidos “como dados de observação privilegiada para estudar a confluência de numerosos fatores, entre os quais estão: o contínuo entrelaçamento da história das mulheres, de gênero e seus contextos com a história do vestuário, a relação entre mudança de gosto, aqui analisada do ponto de vista antropológico, os efeitos do progresso, das transformações sociais e políticas, e o mecanismo de influencia que caracteriza a relação entre mídia e consumidor” (CALANCA, 2008, p. 49-50) proporcionando rupturas no sistema do vestuário das mulheres.

Portanto, espera-se que esse trabalho possa suscitar reflexões sobre o vestuário como sistema gerador de significados, práticas e representações socioculturais, na perspectiva de contribuir efetivamente para o entendimento das relações sociais e modos de produção de uma sociedade, considerando que “roupa” não é jamais uma frivolidade; é sempre expressão das tensões sociais, culturais e econômicas fundamentais de um período.

Notas

1-Este texto é parte da minha pesquisa de Mestrado concluído em junho de 2009, pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), cujo Título: O vestuário como elemento constituinte da identidade das mulheres de elite na Bahia (1890-1920): a partir das coleções do Museu Henriqueta Catharino em Salvador-Ba.

Referências Bibliográficas

DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1997. p. 45-77.

BARNARD, Malcom. **Moda e comunicação**. Tradução: Lúcia Olinto. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

BARTHES, Roland. **Sistema da Moda**. Tradução: Lineide do Lago Salvador Mosca. São Paulo: Edusp, 1979.

_____. **Elementos de semiologia**. Trad. Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1988.

BAUDOT, François. **Moda do Século**. Trad. Maria Thereza de Rezende Costa. 3ª ed. revista. São Paulo, Cosac Naify, 2002.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Tradução: Sérgio Miceli. Editora Perspectiva, São Paulo, 1998.

BONADIO, Maria Claudia. **Moda! Um perigo para as boas moças**: Estudo sobre a imagem feminina (1910-1930). Campinas: Unicamp, 1996.

BRAGA, João. **Reflexões sobre moda**. 2ª ed. revisada. São Paulo, Editora Anhembi Morumbi, 2005, v.2.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Tradução Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru, São Paulo: Edusc, 2004.

_____. Gilberto Freyre e a nova história, In: **Tempo Social: revolução social**. USP, São Paulo, 1997.

_____. **O que é História Cultural?** . Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005, p. 192.

CALANCA, Daniela. História e Moda. In: SORCINELLI, Paolo (org.). **Estudar a moda: corpos, vestuários, estratégias**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008, p. 48-55.

CARDOSO, Ciro F. e VAINFAS, Cardoso. **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CASTILHO, Káthia. **Moda e linguagem**. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2004.

_____. **Discursos da moda: semiótica, design e corpo**. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2005.

_____. Do corpo à moda: exercícios de uma prática estética. In: CASTILHO, Káthia, GALVÃO, Diana. **A moda do corpo, o corpo da moda**. São Paulo, Editora Esfera, 2002.

CHARTIER, Roger. **História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

_____. A História hoje: dúvidas, desafios e propostas. In: **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, Vol. 7, nº 13, 1994, p.97-113.

_____. O mundo Como Representação. In: **Revista Estudos Avançados**. Vol.5, nº11. São Paulo. Jan/abr. 1991.

CIDREIRA, Renata Pitombo. **Os sentidos da moda**. São Paulo: Annablume, 2005.

CONFORTIN, Helena. Discurso e gênero: a mulher em focco. In: GHILARDI-LUCENA, Maria Inês (Orgs.). **Representações do feminino**. Campinas: Editora Átomo, 2003, p. 107-123.

COTT, Nancy. A mulher moderna: O estilo americano dos anos vinte. In: DUBY, Georges, PERROT, Michelle. **História das mulheres no Ocidente**. São Paulo, Ebradil, Porto, Edições Afrontamento, 1991. 5 vls.

CRANE, Diana. **A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas**. Tradução: Cristiana Coimbra. São Paulo: SENAC, 2006.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva Dias. Teoria e método dos Estudos feministas: perspectivas e hermenêutica do cotidiano. In: COSTA, Albertina de Oliveira & BRUSCHINI, Cristina. **Uma Questão de Gênero**. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos; São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 1992.

DUBY, Georges, PERROT Michelle. **História das mulheres no Ocidente**. São Paulo: Ebradil, Porto, Edições Afrontamento, 1995. 5 vls.

ECO, Humberto. O hábito fala pelo monge In: ECO, Umberto (Org.). **Psicologia do vestir**. 3ªed. Lisboa: Assírio e Alvin, 1989.

FLAX, Jane. Pós-modernismo e relações de Gênero na teoria feminista. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Pós-modernismo e política**. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

FREYRE, Gilberto. **Modos de homem e modas de mulher**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

FLÜGEL, J. C. **A psicologia das roupas**. São Paulo: Mestre Jou, 1966.

GADAMER, Hans Georg. **Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. Petrópolis: Vozes, 1999. 731p.

GARCIA, Carol; CASTIHO, Kathia Cunha. (orgs). **Fragments de um vestir tropical**. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2001.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. LTC – Livros Técnicos AS, Rio de Janeiro, 1989.

_____. **O Saber Local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Trad. Vera Mello Joscelyne. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes. 1997.

GOELLNER, Silvana V. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira L.; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana V. (orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Rio Janeiro, Vozes, 2003, pp.28-40.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

HOBBSAWM, E. **Tempos interessantes: uma vida no século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LAURETIS, Teresa de. A Tecnologia do Gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Tendências e Impasses: o feminismo como crítico da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LEITE, Márcia Maria da Silva Barreiros. **Entre a tinta e o papel**: memórias de leituras e escrita femininas na Bahia (1870-1920). Salvador: Quarteto, 2005.

LIPOVETSY, Gilles. **Império do efêmero**: a moda e seus destinos nas sociedades modernas. Tradução: Maria Lúcia Machado. 2ª. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LURIE, Alisson. **A linguagem das roupas**. Rio de Janeiro, Ed. Rocco, 1997.

MALUF, Marina & MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.): **História da Vida Privada no Brasil, vol. 3**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

MALFITANO, Alberto. Moda e ciências humanas. In: SORCINELLI, Paolo (org.). **Estudar a moda: corpos, vestuários, estratégias**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

_____. O jornalismo de moda: aplicações no campo histórico. In: SORCINELLI, Paolo (org.). **Estudar a moda: corpos, vestuários, estratégias**.

MENDONÇA, Miriam da costa Manso Moreira. **O reflexo no espelho**: o vestuário e a moda como linguagem artística e simbólica. Goiânia: Editora UFG, 2006

MUZZARELLI, Maria Giupeppina. Um outro par de mangas. In: SORCINELLI, Paolo (org.). **Estudar a moda: corpos, vestuários, estratégias**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008, p. 20-29.

PANOFSKY, Erwin. **Significado nas Artes Visuais**. São Paulo: Perspectiva, 2002. 448p. (Debates, 99).

PERROT, Michelli e FRAICETTI, Genevieve (orgs). **História das mulheres no século XIX**. Porto: Editora Afrontamento, 1991.

PERROT, Michelle. “Práticas da memória feminina”. In: **Revista brasileira de história. Vol. 09**, número 18. São Paulo, 1989.

_____. “Escrever uma História das Mulheres: relato de uma experiência”. In: **Cadernos Pagu**: fazendo História das Mulheres. Campinas (4), 1995, p. 9-28.

_____. **As Mulheres ou os Silêncios da História.** São Paulo: EDUSC, 2005.

_____. **Minha História das Mulheres.** São Paulo: Contexto, 2007.

PIRES, Dorotéia Baduy. A história dos cursos de design de moda no Brasil. In: **Revista Nexos: Comunicação, Educação e Moda.** Ano VI, nº 9 (2002). São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 1997, p.79-93.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural.** 2ªed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

_____. Uma cidade no espelho. (1890-1910) In: **O Imaginário da Cidade.** Porto Alegre: UFRGS. 1999.

PRIORE, Mary Del. **História das Mulheres no Brasil.** São Paulo, Contexto; Fundação Unesp, 1997.

RAGO, Margareth. **Do Cabaré ao lar:** a utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

ROCHE, Daniel. **A cultura das Aparências:** uma história da Indumentária (séculos XVII-XVIII). Tradução Assef Kfourri. São Paulo: Editora Senac, São Paulo, 2007.

SABAT, Ruth. Gênero e Sexualidade para consumo. In: LOURO, Guacira, NECKEL, Jane Felipe, GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade:** um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 149-159.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação e realidade.** Porto Alegre V.16 nº. 2, jul./dez. 1990.

SORCINELLI, Paolo (org.). **Estudar a moda: corpos, vestuários, estratégias.** São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

SOUZA, Gilda de Mello e. **O espírito das roupas:** a moda no séc. XIX. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

SOUZA, Maria Júlia Alves de. Forma, textura e estilo da sociabilidade e intimidade femininas. Bahia- Séc. XIX-XX. In **Catálogo Museu do Traje e do Têxtil. Salvador**: Fundação Instituto Feminino da Bahia, 2003.

SOIHET, Rachel. "História das Mulheres". In: CARDOSO & VAINFAS. **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campos, 1997.

THOMPSON, E.P. **Costumes em comum**. Estudos sobre a cultura popular tradicional. Trad. Rosaura Eicheberg. São Paulo: Cia. Das Letras, 1996.